



COMPREENSÕES DOS CONCEITOS DE ESPAÇO E TERRITÓRIO DENTRO DE UMA ABORDAGEM ESPAÇO-TEMPORAL

Mariangela Richart¹
Joice Aparecida Antonello Abrão²

Eixo temático: **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES FRONTEIRIÇAS**

RESUMO: O conhecimento geográfico, no decorrer dos séculos, busca conhecer, analisar e compreender as evoluções naturais, sociais, econômicas e políticas dos territórios, bem como o papel do homem como principal agente modelador do espaço. As tendências iniciais do pensamento geográfico fundamentam-se em diferentes métodos de apreensão da realidade calcadas no estudo das relações homem/meio, de áreas e nos estudos locais. Sendo assim, este resumo expandido é uma síntese das discussões realizadas no programa de mestrado da Unioeste, campus Francisco Beltrão, durante a disciplina intitulada “Tópicos especiais em dinâmica econômica e território: releitura de alguns teóricos geógrafos e não geógrafos para uma geografia contemporânea”, onde percebemos que no decorrer do tempo histórico, o pensamento geográfico passou por inúmeras mudanças e discussões que contribuíram para identificar e compreender o objeto de estudo da Geografia. As discussões conceituais no interior da ciência geográfica sempre foram relevantes visto que, constituem importantes instrumentos para compreender a realidade na sua totalidade, além do que, são essenciais para obter o conhecimento geográfico. Pensando nisso, abordamos neste momento, dois dos principais conceitos e/ou categorias de análise presentes na Geografia no decorrer do tempo. Trabalhamos os conceitos de Espaço e Território dentro da evolução dos paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigmas; Espaço-Tempo; Território; Relações de Poder.

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE e integrante do grupo de pesquisa GEMMA - Bolsista Capes; email: maririchartgeo@yahoo.com.br

² Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE e integrante do grupo de pesquisa Geterr - Bolsista Capes; email: wanderfuljoiceant@hotmail.com

No final do século XIX, a partir da acumulação de capital, criam-se monopólios de poder que passam a configurar uma nova expansão territorial. Vinculado a este processo, segundo Corrêa (1995), ocorre à fragmentação do saber universal em várias disciplinas a fim de compreender na sua amplitude as complexidades da realidade. Não havia Geografia e geógrafos conseqüentemente. Havia filósofos, historiadores, cientistas, que se referiam secundariamente a aspectos geográficos. A geografia estava ainda carregada de mitos e lendas.

Salienta Corrêa (1995), que com a ramificação do saber, o objeto comum a todas as ciências sociais, continua sendo a sociedade, que a partir de então, passa a ser objetivada de várias maneiras dentro das ciências sociais. Esta objetivação que as distingue entre si. A objetivação do estudo da sociedade pela Geografia faz-se através de sua organização espacial a qual consiste numa dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. A organização espacial é a própria sociedade espacializada.

As principais correntes geográficas ou paradigmas da Geografia apresentadas por Corrêa (1995), constituem-se no determinismo ambiental, no possibilismo, no método regional, na nova Geografia e na Geografia crítica. Em cada período, há uma preocupação teórica em discutir qual o objeto de estudo da Geografia, bem como, caracterizar seus principais conceitos. Contudo, lembra o autor que subjacente aos cinco paradigmas existe um dominador comum: “a Geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante da relação entre os homens e entre estes e a natureza”. Aliás, as contribuições obtidas no decorrer do tempo histórico da ciência geográfica, levam a definir seu objeto de estudo, ou seja, a sociedade.

Todo conceito tem uma história, seus elementos e metamorfoses; tem interação entre seus componentes e com outros conceitos; tem um caráter processual e relacional num único movimento de pensamento, com superações; as mudanças significam, ao mesmo tempo, continuidades, o seja, o novo contém o velho e este, aquele (SAQUET, 2007).

Concomitante as análises realizadas, os autores ponderam alguns conceitos ou categorias de análise na Geografia, apresentados como os destacados: espaço e território, associado a estes, há também, as discussões sobre territorialidade, escalas e redes geográficas. Estas categorias se expressam no espaço científico das discussões, à medida que as relações de poder entre as sociedades, no decorrer do desenvolvimento das mesmas, são intensificadas e a necessidade de compreender e transformar esta complexidade organizacional aumenta.

2 O CONCEITO DE ESPAÇO E TERRITÓRIO NAS DIFERENTES ABORDAGENS

A Geografia possui alguns conceitos-chaves para sintetizar a sua objetivação. O conceito com reverência na Geografia é o de Espaço Geográfico, embora seja associado algumas vezes à simples localização. Inicialmente o espaço não constitui um conceito-chave na Geografia tradicional, não como os conceitos de paisagem e região embora, Ratzel já o abordava como base indispensável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer natural, quer aqueles socialmente produzidos. O domínio do espaço transforma-se em elemento crucial na história do homem (Corrêa, 2003).

Segundo análise do autor, Ratzel desenvolve assim dois conceitos cruciais: território (apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo) e espaço vital (expressa as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de populações e dos recursos naturais). O espaço transforma-se, assim, através da política, em território, em conceito-chave para a Geografia.

Posteriormente o espaço ganha outras determinações sendo caracterizado pelos mecanismos de ação econômicos em que a variável mais importante é à distância relegando as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações. Outra noção de espaço se dá a partir das relações entre os objetos que implicam em custos: dinheiro, tempo, energia – para vencer a fricção imposta pela distância. Portanto, afirma Corrêa (2003) que é no espaço relativo que se obtém rendas diferenciais (de localização) e que desempenham papel fundamental na determinação do uso da terra.

Após esta corrente quantitativa, surge a Geografia crítica fundada nos paradigmas do materialismo histórico e na dialética por volta do ano de 1970. Esta corrente procura romper com a Geografia tradicional e com a Geografia teórico-quantitativa. Intensos debates entre geógrafos marxistas e não-marxistas aconteceram. No âmbito desses debates o espaço reaparece como conceito chave, conforme visualizamos em Santos (2006).

O autor em questão faz uma abordagem materialista dialética do espaço geográfico, destacando a atuação dos agentes do capital e do Estado. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, mas como um quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006).

Quando o autor cita os sistemas de objetos, ele está se referindo, as formas do espaço geográfico, ou seja, aquilo que está presente de forma materializada pela ação da sociedade. Nesse caso, o autor não se reporta apenas aos objetos artificiais, mas, também aos objetos

naturais, que já estão socializados, ou seja, aqueles elementos naturais que passam há ser utilizados pelo ser humano com objetivos e/ou intenções sociais.

Os sistemas de ações, segundo Santos (2006) seriam caracterizados pelos conteúdos presentes nas formas, ou seja, seriam as necessidades tanto materiais e imateriais, assim como, econômicas, culturais, morais e afetivas que conduzem à ação humana, transformando dessa forma os espaços construídos de forma intencional, através de eventos, que geram novos objetos.

Da mesma forma, segundo o autor, além das ações levarem a criação de novos objetos, esses por sua vez, também condicionam as ações humanas. Como exemplo, citamos a existência ou não, de um objeto técnico, como uma máquina agrícola, a posse de tal objeto por um agricultor, condiciona as suas ações, através do aumento da sua produção ou área plantada, já no caso contrário, a falta de tal recurso pode o levar a diversas outras ações: aluguel ou contratação de uma máquina; a diminuição da sua produção; ou a opção por outra atividade que não precise desse objeto técnico.

Assim, Santos (2006), argumenta que o espaço é hoje cada vez mais um sistema de objetos e ações artificializados, sendo que estes se interagem,

(...) de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2006, P.63).

Ao analisarmos essas afirmações, percebemos que o espaço geográfico, não seria algo aleatório, mas sim, fruto de intenções sociais, construído de acordo com a evolução histórica e também da ciência e técnicas presentes no território. Portanto, para Santos (2006) o espaço geográfico, seria um misto, ou como o autor afirma um híbrido com múltiplas relações, que se caracterizam através dos objetos (formas) e ações (conteúdos) pelo transcórper do tempo.

Para Santos (2006), a natureza do espaço “é formada, de um lado, pelo resultado material acumulado pelas ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje atribuem um dinamismo e uma funcionalidade”.

Como podemos verificar o conceito de espaço geográfico, se refere à dinâmica e funcionalidade de determinado local, dinâmica essa que é proporcionada pelas ações, ou seja, pela vida presente no local, que segundo o autor, seria esse aspecto que diferenciaria o conceito de espaço geográfico, do conceito de paisagem que nada mais é do que o conjunto de formas, que em dado momento exprimem as heranças das relações entre o homem e a natureza.

No entanto, com o advento da globalização, o conceito de espaço geográfico vai além das relações existentes no lugar. Santos (2006) estuda o espaço geográfico através da noção da totalidade, categoria do método dialético, no qual o autor relaciona as partes com o todo, ou seja, o local com o global. Para o autor, o entendimento do espaço geográfico deve levar em consideração os eventos, que ocorrem simultaneamente em diferentes níveis, onde os níveis mais adequados para a análise do espaço seriam o local e o global.

O espaço geográfico não é apenas palco, receptor de ações. Ele tem um valor de uso e de troca, distintos significados e é elemento constituinte do território, pois eles são indissociáveis, ou seja, os territórios estão no espaço geográfico. As relações sociais que o homem no seu cotidiano apresenta com a natureza e na sociedade, envolvem elementos econômicos, políticos, culturais e naturais, que podem variar no tempo e no espaço. Essas relações são caracterizadas por continuidades e descontinuidades, que ocorrem em ritmos diferentes. Esse processo resulta na (re) construção do território, sendo que aquilo que já existe não é necessariamente extinguido, mas superado, readaptado às novas configurações territoriais.

Os homens, por meio da Desterritorialização-Reterritorialização-Territorialização (DTR) constroem e modificam o território na relação sociedade espaço e tempo, pois cada um possui características sociais e naturais específicas. Deste modo, para compreender as organizações sociais é preciso abordar a história na sua totalidade, envolvendo o tempo curto, o médio, a longa duração, a diacronia e a sincronia trabalhadas conforme Fernand Braudel (2005), Milton Santos (1996) dentro outros. Sendo assim cada objeto e sujeito tem o seu tempo (passado, presente e futuro) e ao mesmo tempo todos coexistem.

Nesta perspectiva, Saquet *et al* (2010) entende que os territórios são construídos historicamente. Consideram o tempo histórico conceito fundamental para interpretar a territorialidade conforme as diferentes temporalidades materializadas no tempo e no espaço. Sendo assim, para os autores, o território diferencia-se do espaço por meio de três singularidades: “as relações de poder multidimensionais constituindo campos de força econômicos, políticos e culturais; a construção histórica e relacional de identidades; o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (DTR)”.

Para Souza (2003), o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder. Nesta expressão, é visível o aporte de Raffestin (1993) para que Souza (2003) e os demais autores aqui abordados concluam que o território é delimitado a partir das relações de poder que se constroem em redes sociais que atuam tanto

interna como externamente ao território: a proposição de Raffestin é uma abordagem relacional do território, na qual ele é indissociável do poder.

Com base nas considerações levantadas até então, em ressalva a Saquet (2007), ostentamos que o território possui duas dimensões internas de análise: material e imaterial indissociáveis na construção do território. A primeira material reverência à área do território, aos objetos geográficos influenciados/dominados/apropriados pelo sujeito territorial. A dimensão imaterial corresponde às estratégias dos sujeitos para a construção de um território, assegura a manutenção e expansão material do território; são as ações, representações espaciais criadas, as disputas de forças com outros sujeitos, as ideologias (crenças, costumes etc.) e os discursos, posicionamentos políticos, manifestações e outras formas de imprimir o poder.

Os autores analisados abordam a territorialidade humana entendendo-a como relação social. Deste modo, o conjunto das múltiplas territorialidades que constituem o território historicamente, o configuram a fim de (re) organizá-lo espaço temporalmente, conforme as novas relações de poder e as novas formas e objetos materializados.

3 CONSIDERAÇÕES

A dinâmica das transformações pelas quais o mundo passa, com novos recortes de espaço e tempo, com a predominância do instantâneo, com as complexas interações entre as esferas locais e globais, afetando profundamente o cotidiano das pessoas, exige que o geógrafo procure caminhos teóricos metodológicos capazes de interpretar e explicar essa dinamicidade. Este processo está relacionado à necessidade de pensarmos as transformações sociais abordando as singularidades existentes nos diferentes territórios.

Giddens (1991) afirma que, em vez de estarmos entrando em um período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Este conflito paradigmático não é apenas traçado a nível intelectual epistemológico. Cada vez mais se caracteriza como um conflito social e político sustentado por grupos e interesses ligados ou não ao Estado, que acabam marginalizando regiões, lugares e consequentemente indivíduos. A modernidade é considerada como um fenômeno dicotômico, onde de um lado está o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criando maiores oportunidades

para a sociedade gozar de bens e serviços modernos, porém verifica-se também o lado perverso, como o aumento das desigualdades, das exclusões, das hierarquias sociais.

A formação do espaço geográfico contempla o tempo histórico. Cada temporalidade presente na história contempla sua modernidade, sendo assim, nos paradigmas da Geografia, os autores buscam identificar e compreender o objeto de estudo que melhor explique ou contemple a realidade na sua totalidade.

É visível que os paradigmas da Geografia estão inseridos tanto em uma lógica como numa perspectiva espaço-temporal, entretanto, não há uma ruptura entre a evolução dos conceitos, mas sim uma complementaridade de ideias e abordagens conforme se dá o direcionamento científico. As mudanças nos conceitos são decorrentes das modificações dentro da própria Geografia.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: **Escritos sobre a história**. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo, SP: Ática, 1995.

_____. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª edição, 2003, p. 15-47.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª edição, 2003, p. 77-116.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço - Técnica e Tempo. Espaço e Emoção. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre, edições EST, 2003.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

RAFFESTIN, Claude. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de. **Teoria e práticas territoriais: análises espaços temporais** (orgs). 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.